

Luiz Henrique vira o jogo e PMDB compõe com PFL

Contra números não há argumentos. Este foi o princípio defendido em discurso agressivo pelo presidente do PMDB, deputado Luiz Henrique, e que selou a decisão de o partido não lançar candidato à presidência da Câmara. Depois de quatro horas de tumultuada reunião, à qual compareceram 91 dos 107 deputados da bancada, Luiz Henrique mostrou que o candidato pefelista, Luís Eduardo Magalhães, conta com 297 votos, o que garantirá sua vitória numa disputa em plenário. O PMDB fica com a primeira vice-presidência e a quarta secretaria da Câmara e a promessa de apoio do PFL para eleger um peemedebista para presidir a Casa daqui a dois anos.

Para evitar a constatação do racha na bancada, com pequenas desvantagens para os que queriam que o PMDB tivesse candidatura própria, a proposta de apoio a Luís Eduardo foi aprovada por aclamação. Os nomes dos peemedebistas que comporão a Mesa Diretora serão definidos na reunião da bancada dia 31, quando será escolhido também o líder da nova legislatura. "Venceu a realidade política. O candidato do PFL formou um bloco que lhe garante a vitória", disse Luiz Henrique ao final do encontro. Em seu discurso, que virou a tendência de adiar a decisão, enquanto uma comissão do PMDB buscava aliados para contrapor ao bloco de apoio do PFL, Luiz Henrique lembrou que é preciso saber a hora de recuar e de avançar.

Acerto — A decisão de compor com o PFL já havia sido tomada pelos principais caciques do partido antes mesmo do início da reunião da bancada. Enquanto os parlamen-

tares se acomodavam nas cadeiras do auditório do Espaço Cultural da Câmara, atrás do telão o presidente do PMDB, Luiz Henrique (SC), o líder atual da bancada, Tarcísio Delgado (MG), e os deputados Henrique Alves e Paes de Andrade (PMDB-CE) acertaram que Moreira Franco faria o apelo pela retirada em nome da unidade e que Gonzaga atenderia.

Além disso, a formalização do bloco PFL-PTB, dando maioria regimental a Luís Eduardo, esfriou qualquer possibilidade de lançamento de uma candidatura própria. "O bloco tranquiliza, pois retira o argumento dos que defendiam uma candidatura do PMDB porque o partido é a maior bancada", resumiu Gedel. "O partido não construiu uma candidatura que motivasse internamente e aglutinasse em outras bancadas", acrescentou o deputado Germano Rigotto (PMDB-RS).

A reunião do PMDB, que foi aberta com a presença dos ministros Nelson Jobim, da Justiça, Odacir Klein, dos Transportes, e do secretário de Integração Regional, Cícero de Lucena, começou com um veemente discurso de Luiz Henrique defendendo a unidade do partido. "O acordo com o PFL não é a melhor alternativa, mas faço um apelo para que o partido, seja qual for a decisão, saia daqui unido", afirmou. Neste momento, Luiz Henrique passou a ler um documento assinado pelos presidentes do PFL, Jorge Bornhausen, do PTB, deputado Rodrigues Palma (MT), pelos líderes do PFL, Luís Eduardo Magalhães (BA), e do PTB, Nelson Trad (MS), formalizando a formação de um bloco par-

lamentar, com 126 deputados. Luiz Henrique leu ainda a proposta de acordo feita pelo PFL ao partido, e que tinha as assinaturas de Jorge Bornhausen e Luís Eduardo.

Encenação — Quando a palavra foi aberta ao plenário, Moreira Franco foi o primeiro a se inscrever, não perdendo tempo para fazer o apelo para que Gonzaga Mota retirasse sua candidatura. O cearense falou em seguida e aceitou sair da disputa em nome da unidade do partido, dividido entre a candidatura própria e a composição com o PFL. "Abro mão da candidatura para preservar a unidade, mas quero dizer que botei a cara na disputa para que o partido não fosse transformado numa sublegenda", disse.

A composição não agradou a muitos peemedebistas que passaram a fazer críticas ao acordo, insistindo na candidatura própria. "Não vim para uma reunião de cartas marcadas", reclamou Freire Júnior (PMDB-TO). "Quem manda no Palácio do Planalto é o Executivo, quem manda na Câmara são os deputados, se tiverem coragem, independência e dignidade", afirmou o senador Roberto Requião (PMDB-PR), insatisfeito pelo fato de a decisão ter sido tomada em nome da base parlamentar do Governo.

O deputado Alberto Goldman (PMDB-SP) tentou adiar uma definição, defendendo que o partido antes de aceitar compor com Luís Eduardo consultasse os partidos de esquerda (PT, PC do B, PSB e PDT) sobre a formação de um outro bloco parlamentar. Do lado de fora, Genoíno garantiu que terá o voto de pelo menos um quinto da bancada do PMDB.